

Feira de São Mateus Uma tradição com futuro

SAINT MATHEW'S FAIR. A TRADITION WITH FUTURE

CARLOS ALVES

EON – INDÚSTRIAS CRIATIVAS
INVESTIGADOR DO IEM/NOVA FCSH – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

No dia 10 de janeiro de 1392 a chancelaria de D. João I redigiu um documento vital para a história da cidade: a Carta de Feira. O histórico que antecedeu a concessão deste documento, colocou nele o peso de resgatar Viseu da escuridão. Foi uma luz ao fundo do túnel para uma cidade com um passado notável e, agora, com um futuro incerto. Em 1392, o ambiente pelas ruas e praças era calamitoso, depressivo até. Anos antes, Viseu, à semelhança de outras tantas cidades do reino, sentiu os efeitos da Peste Negra (1348) tendo sido arrastada nas últimas décadas do século XIV para uma guerra que deixou marcas nomeadamente, em 1372 e 1385, momento em que as tropas castelhanas irromperam pelas desprotegias ruas de Viseu, levando até elas o rasto da morte e destruição. Viviam-se tempos conturbados e os viseenses, conscientes do seu passado, apoiaram o Mestre de Avis contra a causa Castelhana cujo desfecho épico no campo de Aljubarrota abriu as portas a uma das mais brilhantes épocas da História portuguesa iniciada por D. João I.

O rei de Boa Memória não esqueceu quem o ajudou a defender a coroa portuguesa e deu início a uma itinerância com a sua corte pelo país. Por Viseu, passou uma primeira vez em 1391 onde, não só, realizou as cortes no mês de novembro como também, se assistiu ao nascimento de D. Duarte no mês anterior.

D. João I regressou uma segunda vez a Viseu, desta vez, por um período mais alargado, entre 15 de setembro e 12 de março de 1392. Foi, portanto, neste intervalo de tempo que o monarca acedeu às inten-

On the 10th of January of 1392, the chancellery of D. João I redacted a vital document for the city's history: The Fair's Chart. The events prior to the concession of this document, was burdened with the responsibility of rescuing Viseu from darkness. It was a light at the end of the tunnel for a city with a notable past, and now, an uncertain future. In 1392, there was a calamitous atmosphere around the streets and squares, depressive even. Years prior, Viseu, just like the other cities in the realm, felt the effects of the Black Plague (1348), having been dragged in the last decades of the 14th century, into a war that left its mark namely, in 1372 and 1385, moment when the Castilian troops broke out through the unprotected streets of Viseu, leaving only death and destruction in their wake. It was a grim and dark time and the citizens of Viseu, conscient of their past, supported Mestre de Avis against the Castilian cause, which the epic outcome on the Aljubarrota fields opened the doors to one of the most brilliant periods of Portuguese History initiated by D. João I.

The king of Good Memory did not forget who helped him protect the Portuguese crown and lead off an itinerancy with his court throughout the country. He visited Viseu for the first time in 1391 where, not only, conducted the courts in the month of November as well as attended the birth of D. Duarte in the month prior.

D. João returned to Viseu a second time, and this time for a longer period, between 15th September and 12th of March of 1392. It was during this time interval that the monarch submitted to the council's intentions and

Catephas capitulo p. fittas que foram
do conde dom joam a tello e
om joam
fizemos pata que fittas fittas
do napillo nos dixt que fittas nos nascende
de Coimbra depois que nos do por em fittas
de fittas fittas fizemos meo e doo em da pata
da quinta capta do ouallia com tocallas ca
fittas e dytos que aella pttencem. Comisso do a
fittas de sequeros com toallas pttas pttas
fittas e pttas e dytos pella gta e doo em
apta que os aupa e deup ditta e doo em
apta fittas tello que fittas de debarcellos cupe os
capta e quinta foram e doo de andem
nosso deupso pttas mltas e mais pttas he to
fittas na dita deo em. E que por quito fittas
appt fittas fittas com dita deo em e doo de in
dita em nosso deupso nos deo qttas bem
certo que doo conde do doo fittas andem em no
no deupso de fittas pttas e andem sempre de fittas
dita que moço na batalla que omemos com
aquele que pttas fittas de fittas unido em
ella gta nos quille mltas pttas dello e no
fittas pttas pttas fittas deo em da dita
deo em e nom omemos in mltas out pttas
manda pttas que dita deo em fittas fittas
e nallidica pttas pttas pttas e los deo em o
que nos pttas e porque fomos bem certo q
doo dom joam a de debarcellos appt que
nos fizemos dita deo em a doo fittas fittas

[illegible][illegible]

*foye fiada nua de
e bira*
Com Joham e T^{to} qntos esta carta bi
tem fize nos p^{re} que nos quezendo

ções do concelho e lhe concedeu carta de feira, cujos privilégios e liberdades eram idênticos aos da feira de Trancoso, com uma periodicidade anual e com a duração de um mês, com início no dia de Santa Cruz de Maio.

No entanto, o ambiente ainda não era totalmente pacífico e os ecos da guerra ainda se faziam ouvir. Em 1396, quando a cidade se reerguia progressivamente alavancada pela feira, as tropas castelhanas voltaram a semear o pânico entre a população com uma nova investida. Todavia, os viseenses não foram vencidos pelo medo e não deixaram morrer a feira que se continuou a realizar nos anos seguintes.

As feiras eram, à época, um dos mais importantes motores da economia e da sociedade. À natural circulação das gentes, associava-se a movimentação de produtos e de ideias dinamizando, desta forma, a economia das cidades cimentada num binómio campo/cidade. D. João I, consciente do papel determinante das feiras, concedeu autorização para a realização de diversos certames em diferentes pontos do país revitalizando, deste modo, uma economia débil. Normalmente, as feiras coincidiam com as festividades da Igreja e no local onde se realizavam existia a paz de feira que proibia qualquer disputa, vingança ou ato de hostilidade sob a pena de pesadas sanções. A este clima de paz associavam-se medidas fiscais capazes de atrair mercadores, nomeadamente através da isenção da cobrança de impostos, quer fosse a sisa – o imposto cobrado sobre a transação de produtos – ou as portagens e costumagens, tornando-se assim numa feira franca.

Ainda durante o reinado de D. João I, a feira viseense beneficiou da isenção de meia sisa, prerrogativa que foi confirmada anos mais tarde por D. Duarte.

As primeiras edições da feira decorreram certamente nas ruas e praças da cidade, calculamos entre a atual Praça D. Duarte, Largo Pintor Gata e ruas adjacentes.

granted the fair's chart, whose privileges and liberties were identical to the Trancoso's fair, with an annual periodicity and a duration of one month, beginning on Santa Cruz de Maio day.

Meanwhile, the atmosphere was still not totally peaceful, and the echoes of war could be heard still. In 1396, when the city was re-emerging progressively leveraged by the fair, Castilian troops sowed panic once again in the population with a new onslaught. But still, Viseu's citizens were not vanquished by fear and didn't let the fair die, carrying it on in the years to come.

The fairs were, at the time, one of the most important motors of the economy and society. With a natural circulation of people, there was also a circulation of products and ideas, sparking in a way, the economy of cities cemented on a binomial city/countryside. D. João I, aware of the determining role of the fairs, granted authorization to materialize several events in different places of the country, revitalizing thus, a feeble economy. Normally, the fairs coincided with church's festivities and wherever the fair took place, existed the fair's peace, which prohibited any dispute, vengeance or act of hostility under the penalty of heavy sanctions. With this climate of peace were associated fiscal measures capable of attracting merchants, namely tax exemption, whether it was the *sisá* – tax collected over the transaction of products – or the tollbooths and customs, transforming it in a *feira franca*.

Still during the reign of D. João I, Viseu's fair benefited the exemption of half a sisa, a prerogative confirmed years later by D. Duarte.

The first editions of the fair elapsed on the city's streets and squares, we estimate that it was on the current D. Duarte Square, Largo Pintor Gata and the adjacent streets. We can't say it was intramural, since the wall in the period was still a mirage.

We are, however, certain that, since 1436, the fair took place in Cava de Viriato, at the time called Vila Nova

Não podemos falar que decorreu intramuros, porque a muralha nesse período ainda era uma miragem.

Temos, contudo, a certeza de que, a partir de 1436, a feira realizar-se-ia na Cava de Viriato, então designada de Vila Nova e Cerca da Cava.

A atribuição do ducado de Viseu ao Infante D. Henrique foi preponderante para que a feira ganhasse vigor e se afirmasse no território nacional como uma das maiores e mais importantes. Com efeito, em 1444, o infante D. Pedro concede autorização a D. Henrique para que a feira seja realizada na Cava com os mesmos privilégios e liberdades da feira de Tomar. Agora o certame viseense tinha início a 12 de outubro, terminando oito dias após a celebração de Santa Iria.

Cinco anos depois, em 1449, D. Afonso V outorga novo diploma, confirmando os termos do anterior, alterando apenas a data de realização da feira para o dia de Santa Iria, a 20 de outubro, terminando passados quinze dias.

O legado testamentário do Infante D. Henrique atribuiu, a partir de 1460, os rendimentos resultantes da feira ao cabido da Sé de Viseu, para os cônegos celebrarem todos os sábados missa pela sua alma na capela de S. Jorge mandada construir pelo infante na Cava (de Viriato). Paralelamente, os cônegos encarregar-se-iam de organizar a feira.

Depressa o cabido se deparou com problemas, nomeadamente quanto à época em que o certame se realizava. Com efeito, depois de ver reduzidas as suas rendas, o cabido solicitou a D. Afonso V, em 1471, a modificação da data de realização da feira por ela coincidir com a de Medina del Campo e com a época das vindimas. Como alternativa, os cônegos começaram a realizar a feira no Dia de Todos os Santos.

No entanto, as condições de salubridade registadas na Cava e o comportamento reprovável de alguns cidadãos, prejudicaram a realização da feira, motivo pelo

and Cerca da Cava. The duchy of Viseu's assignment to Infante D. Henrique was preponderant to the fair's vigour and to assert itself in the national territory as one of the largest and most important. In 1444, Infante D. Pedro granted authorization to D. Henrique to implement the realization of the fair in the Cava with the same privileges and liberties as the Tomar's fair. Now the fair would begin on the 12th of October and would only end eight days after the celebration of Santa Iria.

Five years later, in 1449, D. Afonso V bestowed a new diplomat, confirming the terms of his predecessor, changing only the date of the realization of the fair to the day of Santa Iria, 20th of October, and ending after 15 days.

Infante D. Henrique's testamentary legacy attributed, starting in 1460, the proceeds resulting from the fair to the Sé of Viseu, so that the canons would celebrate every Saturday's mass in his soul on S. Jorge's chapel which construction was ordered by the infante himself in Cava de Viriato. At the same time, the canons oversaw the organization of the fair.

Quickly the clergyman came across some problems, namely the period in which the event took place. After seeing an income decrease, the clergyman solicited to D. Afonso V, in 1471, the modification of the fair's date since it coincided with the Medica del Campo and the vintage harvest. As an alternative, the canons decided to execute the fair on All Saints Day.

The salubrity conditions, however, and the objectionable behaviour of some citizens, jeopardize the fair's realization, causing king D. Manuel I, in 1501, to solicitate its transfer to the city's interior.

The monarch complied with the appeal by renewing the privileges bestowed with D. Duarte, with the condition that the fair would be realized on S. Jorge's day. Since then, the flow of merchants increased catapulting the fair's dimension to a state that the intramural physical capacity couldn't endure.

qual foi solicitado ao rei D. Manuel I, em 1501, a sua transferência para interior da cidade. O apelo foi atendido pelo monarca renovando os privilégios outorgados por D. Duarte, com a condição da feira se realizar no dia de S. Jorge. A partir de então, afluíram a Viseu cada vez mais mercadores e comerciantes catapultando a feira para uma dimensão que o espaço físico intramuros não conseguiu comportar. Deste modo, em 1510, D. Manuel I a propósito da exiguidade das praças determinou a sua transferência para o Rossio da Ribeira, fixando a sua data para os últimos quinze dias de setembro, com a prerrogativa de ser franca desde a véspera até ao dia seguinte à festa de São Mateus (21 de setembro), o seu novo padroeiro. A partir de agora, cabia à Câmara Municipal a gestão da feira.

A transferência da feira da Cava para o centro da cidade ditou o abandono progressivo da capela de S. Jorge que nos finais do século XVI se encontrava praticamente em ruína. Os cônegos, impossibilitados economicamente de reconstruir a capela, solicitaram, em 1613, a D. Filipe II, a transferência para a Sé do culto em memória do Infante D. Henrique. Depois da anuência do monarca e de auscultada a vontade do bispo D. João Manuel, as missas passaram a ser celebradas na capela de S. Sebastião, onde foi colocada uma imagem de S. Jorge em memória do templo perdido na Cava.

Entre os finais do século XVI e o século XVII, talvez devido às convulsões políticas decorrentes da restauração da independência e do clima de guerra vivido na Península à época, a feira deparou-se com um período de estagnação.

A documentação moderna e contemporânea permite-nos, contudo, reconstituir a história da feira com maior acuidade e perceber como é que o evento se organizou e desenvolveu até aos nossos dias.

Com efeito, a principal fonte documental são os livros de atas do município. Em 1677, era registada a

Through this, in 1510, D. Manuel I due to the exiguity of the squares determined its transfer to Rossio da Ribeira, changing its date to the last fifteen days of September, with the prerogative of being Franca from the eve to the next day of Saint Mathew's celebration (21th of September), its new patron saint.

From now on, the Municipal Hall oversaw the managing of the fair.

The fair's transfer from Cava to the centre of the city dictated the progressive neglect of S. Jorge's chapel which, in the final days of the 16th century, found itself practically in ruins. The canons, economically incapable of rebuilding the chapel, solicited, in 1613, to D. Filipe II, that the cult in memory of Infante D. Henrique be transferred to the Sé. After the monarch's consent and after the will of the bishop D. João Manuel was attended, the mass's started to take place on S. Sebastião's chapel, where S. Jorge's image was placed in memory of the temple lost in Cava.

Between the end of the 16th century and the 17th century, maybe due to the political tumults arising with the restoration of independence and the climate of war lived on the Peninsula, the fair come upon a period of stagnation.

The modern and contemporary documentation allowed us, however, to reconstitute fair's history with greater acuity and understand how the event came to be and how it developed to what it is today.

The main documental source are the books of minutes of the county. In 1677, every merchant was obliged to obtain a licence with the city's municipality in order to have an area on the fair's grounds.

The first reference to Saint Mathew's fair, as we know it today, goes back to 1728. In these times, it was asserted as a national and international symbol. The parochial memories attested that, by considering it an event of great proportions where merchants arrived from Spain,

obrigatoriedade de todos os comerciantes obterem licença junto da edilidade para ter lugar no recinto da feira.

A primeira designação à Feira de São Mateus, tal como a conhecemos hoje em dia, remonta a 1728. Neste período, afirmava-se como uma referência nacional e internacional. As memórias paroquiais atestam isso mesmo, ao considerá-la um evento de grandes dimensões cujos comerciantes chegavam de Espanha, França, Itália, Inglaterra e Holanda, demonstrando, deste modo, o seu carácter cosmopolita e os ecos além-fronteiras da sua importância.

A dimensão internacional que a feira atingiu provém sobretudo da sua localização geográfica e das condições proporcionadas pela cidade no acolhimento e disposição dos comerciantes no recinto. Como mencionámos anteriormente, desde o reinado de D. Manuel que a feira se realiza no Rossio da Ribeira, ou Campo de S. Luís, o mesmo espaço que hoje acolhe o certame. Cabia à câmara municipal a construção e cobrança de impostos sobre o aluguer das barracas. Os rendimentos obtidos eram, posteriormente, divididos entre a câmara que ficava com duas partes e a coroa que ficava com uma. Para tal, havia uma equipa composta por carpinteiros que se encarregavam anualmente de montar e desmontar as barracas geralmente em madeira, enquanto os provedores zelavam pela arrecadação das terças régias e aferiam a correta gestão das duas partes correspondentes ao município. Nesse sentido todos os anos os livros de rendas do concelho eram inspecionados pelos funcionários do rei e o tesoureiro municipal era obrigado a entregar à coroa os seus rendimentos.

A licença de exploração das barracas era concedida anualmente, podendo a câmara cessá-la unilateralmente por justa causa. Para além das barracas, as tendas e as vendas diretas a partir de animais de car-

France, Italy, England and Netherlands, demonstrating this way, its cosmopolitan character and the echoes of its importance beyond borders.

The international importance that the fair reached resulted from its geographical location and the conditions given by the city to the merchants on the fair's enclosure. As previously mentioned, since the reign of D. Manuel that the fair is conducted on Rossio da Ribeira, or Campo de S. Luís, the same location that the event transpires today. The Municipal Hall was tasked with the construction and tax collection of renting out stalls. The yields were, posteriorly, divided between the Municipal Hall which would get two thirds and the crown that would get the other third. For such, a team composed by carpenters oversaw the assembling and disassembling of the stalls, generally made in wood, while the providers cared for the storing of the regal Tuesdays and gauged the correct management of the two thirds corresponding to the Municipal Hall. This way, the earnings books of the county for every year were inspected by the king's employees and the municipal treasurer was obliged to deliver the crown its rightful earnings. The profiteering of the stalls was granted annually, and it could be unilaterally terminated by the Municipal Hall with just cause. Besides the stalls, the tents and sales directly from pack animals, wagons, goods transported by hand, were normal and occupied an open space exclusively dedicated to these merchants. The acquisition of this places was done yearly at auctions.

As you would expect the income of the municipality grew exponentially due to the fair, which lead to the growing concern over the maintenance of the fair's enclosure. To this effect, the municipality promoted the improvement of the accesses to the fair's grounds and built new support infrastructures, as an example we have the Casa da Câmara da Ribeira, whose stores were an additional source of income to the municipality. In the beginning of



2 < Feira de São Mateus, primeira metade do séc. XX. Saint Mathew's fair, first half of the 20th century.

ga, carroças, canastras, sacas ou cargas transportadas em mão, eram habituais e ocupavam um espaço aberto exclusivamente dedicado a estes comerciantes. A aquisição destes lugares era arrematada anualmente em leilão.

Como seria de esperar, os rendimentos do município viseense cresceram exponencialmente à custa da feira e, com isso, avolumou-se a preocupação com a manutenção do recinto. Neste sentido, a edilidade promoveu o melhoramento das acessibilidades e a construção de infraestruturas de apoio de que é exemplo a Casa da Câmara da Ribeira, cujas lojas, grande e pequena, eram uma fonte adicional ao rendimento municipal. No início do século XVIII, o recinto foi ornamentado com árvores determinantes para garantir a sombra aos comerciantes e animais nos dias de calor. Para preservar o espaço, o município redigiu um conjunto de leis para impedir o gado de destruir a vegetação. No final do século, em 1796, o crescimento desordenado das árvores prejudicava o arranjo e segurança do espaço.

the 18th century the enclosure was ornamented with trees that ensured that the merchants and animals would have shades to rest and to conduct business.

To ensure the preservation of the grounds the city hall passed a number of laws to stop cattle from grazing upon the vegetation. At the end of the century in 1796, the unorderedly growth of the trees was inhering the arrangement and security of the grounds.

The arrangement of the merchants in the enclosure was not random, the grounds were composed of streets filled with tents and had a large and ample space destined to accommodate mobile goods or of large proportions.

The most ancient and well-preserved document that accurately relates the composition of the enclosure dates from 1843. In this document, the following streets are identified Ruas do Peso, da Covilhã, Rua do Ouro, Rua dos Panos, Rua dos Cutileiros, Rua dos Alemães, Rua dos Retroseiros, dos Chapeleiros, Latoeiros, Sapateiros, Rua da Ferraria, Seleiros, Rua da Sola e Sardinheiras. As an example, the Rua dos Alemães, do Peso e dos Sapateiros,



3 Feira de São Mateus, postal dos inícios do séc. XX . Saint Mathew's fair, postcard from the beginning of the 20th century.

A disposição dos comerciantes no recinto da feira não era aleatória, o espaço era composto por arruamentos preenchidos pelas barracas, e por um espaço amplo denominado de terreiro ou terrado destinado às cargas móveis ou de grandes dimensões.

O mais antigo e bem preservado documento que nos relata fielmente como era constituído o recinto da feira foi elaborado em 1843. Nele são identificadas as Ruas do Peso, da Covilhã, Rua do Ouro, Rua dos Panos, Rua dos Cutileiros, Rua dos Alemães, Rua dos Retroseiros, dos Chapeleiros, Latoeiros, Sapateiros Rua da Ferraria, Seleiros, Rua da Sola e Sardinheiras. A título de exemplo a Rua dos Alemães, do Peso e dos Sapateiros, e até mesmo os livreiros já surgem mencionadas no século XVIII. Há outras até, que desapareceram com

and even the Livreiros are also mentioned in the 18th century. Some even vanished with the constante evolution of the fair as happened to the Rua dos Atacadores and the Feira das Teias. So, this spatial organization of the enclosure mimics for a short while the functional organization of a city, where the merchants where divided based on their profession and/or nationality, as is the case of the Rua dos Alemães (The Germans Street).

To this spatial organization a conjuncture of rules of conduct and behaviour was added to ensure the procedure of the fair. Rules of note were the enforcement of a curfew after the ringing of the Ronda bell. Those who broke the law would get a jail sentence. It was equally forbidden to carry swords, wooden clubs and knives carried at the waist, as well as physical altercations and



4 Entrada da Feira de São Mateus. Entrance to the Saint Mathew's fair.

o evoluir do tempo como foi o caso da rua dos Atacadores e a feira das Teias.

Portanto, esta organização espacial do recinto mime-tiza, ainda que por um curto período de tempo, a organização funcional de uma cidade, onde os comerciantes eram dispostos pela sua categoria profissional e/ou nacionalidade, de que é exemplo a Rua dos Alemães.

A toda esta organização espacial, somava-se um conjunto de regras de conduta imprescindíveis para o bom funcionamento da feira. Entre elas destacam-se a proibição de circulação noturna depois do toque de sino da ronda. Aquele que infringisse a lei incorria numa pena de prisão. Eram, igualmente proibidas espadas, paus e facas de mato à cintura, tal como confrontos físicos e vadiagem, atos punidos com multa e cárcere.

loitering, these acts were punished either with fines or in some cases incarceration. Two important notes to be added, firstly the concept of ludic activities in this event at least as we perceive it today was inexistent in the 19th century. Therefore, someone wandering through the fair with nothing to buy or sell, would immediately be perceived to be a thief and would most likely be imprisoned. Secondly there was an institutional segregation of ethnical minorities, specifically the gipsy community who would not be allowed to enter the fair, due to altercations, grifting and witchcraft which they were supposedly accountable for creating.

Also, any person attempting to hide their identity by covering is face would be incarcerated and liable to pay a fine that could reach two thousand réis.

re. Outros dois apontamentos merecem ser dignos de registo. O primeiro prende-se com a noção contemporânea de lazer e divertimento associada a este tipo de evento que no século XIX era inexistente. Portanto, quem andasse na feira sem ter o que comprar ou vender equivalia a suspeita de roubo e o destino provável seria a prisão. O segundo diz respeito à segregação de minorias étnicas nomeadamente, a comunidade cigana à qual era interdita a sua entrada na feira, por criarem desacatos, burlas e bruxarias.

Por fim, qualquer pessoa que tentasse esconder a sua identidade, através da cobertura do rosto, seria preso e pagava uma multa de dois mil réis.

Como temos verificado, a Feira de São Mateus conseguiu desde o século XIV adaptar-se a circunstâncias e espaços resistindo a períodos de interregno conseguindo afirmar-se definitivamente a partir dos finais do século XVII. Às portas do século XX, a secular Feira de São Mateus teve necessidade de se modernizar e acompanhar, de certa forma, o panorama internacional, onde as exposições universais brilhavam e concentravam sobre si todas as atenções.

A modernização da feira viseense, ao longo do século XX, decorreu naturalmente com a renovação da sua imagem e conteúdo. A antiga feira de mercadores transformar-se-á numa feira de Exposição, Comércio, Tecnologia e Indústria, ao qual se acrescentou na segunda metade do século XX uma vertente lúdica dando origem à feira tal qual a conhecemos no presente.

Mas para chegar até este caminho de renovação e afirmação foi necessário persistência, visão e ambição. E para tal, muito se deve à incontornável figura de Francisco de Almeida Moreira. Enquanto vereador do urbanismo e estética da cidade, entre 1918-1934, e dirigente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu entre 1927-1936, Almeida Moreira iniciou um processo de modernização da imagem da cidade e, por conse-

As we have witnessed the Saint Mathew's fair as managed since the 14th century to adapt to ever evolving circumstances and locations even resisting periods of interruption in its activity, managing to finally affirm itself at the later stages of the 18th century. At the beginning of the 20th century, the secular Saint Mathew's fair felt the necessity to modernize itself to keep up with the international scenery, where the universal exhibits were shining brightest and stealing all the attention and focus from other cultural events. The modernization of Viseu's fair throughout the 20th century occurred naturally with the renewal of its image and content. The old mercantile fair would blossom into fair of exhibits, commerce, technology and industry, to which was added a ludic component in the second half of the 20th century, resulting in the vibrant fair we know today.

Of course, the road to get here was not easy, and required persistence, vision and ambition. Most of the changes are owed to the immeasurable Francisco de Almeida Moreira. In his capacity as city councillor of aesthetics and urban development between the years of 1918-1934 and as manager of the commission of initiative and tourism of Viseu between 1927-1936, Almeida Moreira started the process of modernization of the city's image and therefore its biggest event: the Saint Mathew's fair.

In 1927 the enclosure a new physiognomy with the renewal of the traditional streets, porches were added monumentalizing the event. To compliment the physical renovations taking place a communication program was needed, therefore posters were created as a vehicle of the fair's promotion at a national and international level.

The posters were unveiled for the first time in 1928, being deemed the official advertisement method in 1929. In this first poster, the promotion of the Saint Mathew's fair is achieved by an image of a feminine figure typically clothed raising the city's coat of arms while the Sé's



5 Suportes de divulgação da Feira de São Mateus. Primeira metade do séc. XX. Promotional media for Saint Mathew's fair. First half of the 20th century.

guinte, do seu maior evento: a Feira de São Mateus.

Com efeito, em 1927, o recinto adquire uma nova fisionomia com a renovação dos tradicionais arruamentos ao qual se acrescentavam pórticos monumentalizando o certame. Além da renovação do espaço físico, sentia-se a falta de um programa de comunicação e, para tal, os cartazes afirmaram-se como o veículo propagandista da feira a nível nacional e internacional.

A primeira experiência neste domínio ocorreu em 1928, afirmando-se definitivamente em 1929. Neste primeiro cartaz, cujos autores desconhecemos, a promoção da Feira de São Mateus é realizada através do recurso a uma figura feminina tipicamente trajada elevando o brasão da cidade tendo como fundo a silhueta da Sé.

Foi, no entanto, no decurso da década de 30, graças ao empenho de Almeida Moreira, que os cartazes da Feira de São Mateus ganharam uma assinatura artística. Para os anos de 1934 e 1935, Joaquim Lopes, o autor dos painéis de azulejos do Rossio, encarregar-se-ia, também, de desenhar os cartazes para o certame viseense. Infelizmente, não chegou à nossa posse qualquer exemplar capaz de ilustrar a criatividade do artista.

O final dos anos 30 abriu portas a novas tendências à qual a comunicação da Feira de São Mateus não podia fugir. Disso foi exemplo o cartaz que ilustrava o evento em 1938. Numa produção arrojada e inovadora, colocaram-se de lado os monumentos emblemáticos da cidade, como a Sé e a Igreja da Misericórdia, acompanhados de elementos etnográficos, para dar protagonismo ao pórtico da entrada principal da Feira inspirado pelos traços da arquitetura modernista.

Uma figura não menos importante na iconografia da Feira foi Viriato. O cartaz de 1949, da autoria de António Batalha, recorre pela primeira vez à imagem do mítico herói lusitano que, anos antes, havia sido imor-

silhouette stands in the background, sadly the authors of this piece are unknown to us.

Although we would have to wait until the thirties to actually find an artistic signature in the promotion posters thanks to the unwavering efforts of Almeida Moreira. The posters for the years of 1934 and 1935 were drowned by Joaquim Lopes, the author of the Rossio panels of *azulejos* (tiles). Unfortunately, no copies exist today that illustrate the authors creativity.

The later years of the thirties lead to new tendencies that the fair’s communication could not ignore, as an example we have the poster of the 1938 event, a bold and ingenious creation that displayed the Sé next to the Misericórdia church, accompanied by ethnographic elements, that elevated the entrance atrium of the fair, also inspired in modern architecture.

A recurring figure in the fair’s iconography was Viriato a mythical Lusitanian hero, whose fame was immortalized by the “new state” propaganda made by Mariano Benilure represented by a statue that stands in front of what today is known as Cava de Viriato, in 1949 his image was used for the first time by António Batalha in the fair’s communication campaign. While in the theme of important figures to the city of Viseu, the propaganda posters used Grão Vasco and D. Duarte only once in the year of 1963.

The feeling of eagerness to prepare the upcoming fair is a feeling felt with the same intensity today as 628 years ago, a fair that reinvented itself throughout centuries, to be one of the most iconic and important events of the city, the region and the country, never forgetting its commercial identity, to witch lights, colour and sound was added to create found memories to all that pass through Viseu’s Popular Fair, thus making it a tradition with a bright future.

talizado pela propaganda estadonovista através da escultura encomendada a Mariano Benlliure colocada diante da cava.

Ainda no que diz respeito a figuras ilustres da cidade, os cartazes propagandísticos da feira recorreram a Grão Vasco e D. Duarte unicamente em 1963, não voltando a repetir a iconografia desde então.

Hoje, como há 628 anos, a cidade vive anualmente o afã de se preparar para mais uma feira que, ao longo dos séculos se reinventou para ser um evento de referência sem nunca esquecer a sua identidade comercial, ao qual se soma a luz, a cor e o som dos novos tempos para criar boas memórias em todos aqueles que passam pela Feira Franca de Viseu. É, assim, uma tradição com futuro.

6 > Feira de São Mateus, 2015. Saint Mathew's fair, 2015.
[FOTO/PHOTO: JOÃO PEDRO PINTO]



BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ALVES, Alexandre (1992) – *A feira franca de Viseu no tempo dos reis de Avis. Viseu, Feira Franca, 600 anos 1392 – 1992*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu.

ALVES, Alexandre (1961) – “A desaparecida capela de S. Jorge, da Cava”. *Beira Alta*. 20/2. 285-293.

SARAIVA, Anísio (2008) – *Monumentos de Escrita. 400 anos de História da Sé e da cidade de Viseu (1230-1639)*. Roteiro da exposição. Viseu: Museu Nacional de Grão Vasco.

SARAIVA, Anísio (2008) – “Viseu no rasto da guerra: dos conflitos Fernandinos à paz definitiva com Castela”. In *A Guerra e a Sociedade na Idade Média. Atas das VI Jornadas Luso Espanholas de Estudos Medievais*. Vol. 1, Porto de Mós. 323-358.

CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique (2010) – *As freguesias do distrito de Viseu nas memórias paroquiais de 1758. Memória, História e Património. Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.

CASTILHO, Liliana (2015) – *Feira franca de Viseu: da Origem ao século XIX*. Câmara Municipal de Viseu.